

5.

Conclusão

Em uma obra memorialística denominada **Rosas e Pedras de meu caminho**, escrita em 1967 - doze capítulos publicados na **Revista Manchete** entre 15 de abril e 1º de julho - mas apenas publicada, integralmente, trinta e três anos depois, Carlos Lacerda – vereador do Distrito federal em 1947-48, deputado federal de 1955 a 1960, governador da Guanabara de 1960 a 1965, jornalista e proprietário do **Tribuna da Imprensa** - nos apresenta a sua noção de trajetória, através de uma narração remissiva que se pretende constituinte de um sentido para sua própria vida. Tais narrativas consistiram em uma tentativa do autor em conquistar nova visibilidade no espaço público brasileiro e, dessa forma, reinserir-se no cenário político, para as eleições presidenciais que acreditava ocorrer em 1971 devido à promessa de liberalização política do novo presidente da República, Costa e Silva.

Lacerda apoiara a instauração de um governo militar em 1964, no entanto, a suspensão das eleições e prorrogação do governo de Castello Branco, em julho de 1964, além da instauração de eleições indiretas em 1965 com o AI 2, fizeram com que nosso autor se afastasse do projeto político castellista e organizasse em 1966 um movimento juntamente com Juscelino Kubitschek no intuito de mobilizar a população e conquistar a democratização do país, a Frente Ampla. Todavia, a chegada de Costa e Silva ao poder reacendeu a esperança lacerdista de reatar laços com os militares e assim obter seu apoio para as eleições à presidência, até então previstas para 1971.

Com isso, vemos que além da defesa da Frente Ampla Carlos Lacerda também demonstra em suas memórias a disposição para trabalhar ao lado do governo militar. A possibilidade de ser convidado por Costa e Silva para integrar o governo através de um cargo diplomático ainda estava em aberto, e, por isso, vemos em seus artigos de 67, novo apelo ao Presidente: “aluga-se por alguns anos pessoa com experiência de governo.”¹

¹ LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p.303.

Através dessa sincronia entre passado e presente- a adaptação de suas ações passadas à imagem que espera apresentar no presente - dois flancos estariam abertos na tentativa de colocá-lo mais próximo do cargo de sucessor presidencial: de maneira direta com a Frente Ampla ou indiretamente com o apoio da ARENA e do governo militar. A manipulação da memória é orientada, portanto por esses dois projetos que convergem em seu objetivo político: tornar-se Presidente da República.

Mas para tanto, Lacerda precisa convencer o leitor não apenas da coerência de sua evocação com o contexto no qual está inserido, como também demonstrar, através dessa rememoração sua vocação para o cargo que almeja. Apresentar a relevância da Frente Ampla e sua intenção de participar do governo vigente são, de fato, passos que podem o aproximar de seu objetivo. Contudo, para continuar avançando em seu projeto de ação política Lacerda precisa que sua rememoração torne claro ao leitor que ele possui características que o tornariam preparado para assumir a Presidência da República.

Sua narrativa, portanto, está repleta de insinuações referentes ao desejo de retornar a vida pública e viabilizar, assim, a conquista do que defende ser sua “vocação”.

Nessa fase de minha vida me preocupa saber que, no passar do tempo, talvez a minha oportunidade de ser Presidente da República – cargo para o qual me preparei, venha quando a saúde já não me ajudar (...). Isto que alguns chamam de ambição, para esconder a sua, é apenas a consciência de uma tarefa a executar, de uma séria missão a cumprir.²

Mas no que consiste a vocação de Lacerda nesta obra memorialística? Para continuar avançando em seu projeto de ação política, Lacerda precisava tornar claro ao leitor que era possuidor de características as quais o tornavam preparado para assumir a Presidência da República e é devido a esse escopo que sua narrativa apresenta ao leitor de maneira recorrente a missão que construiu para si: “reformatar a nação”³. Através de sua rememoração ativa, nosso autor elabora uma história referente à sua formação política, um trajeto que tinha como ponto de chegada o momento para o qual “passou a vida a se preparar”, a Presidência. Essa narrativa é constituída por dois caminhos que se

² Ibid. p.81.

³ Ibid., P.81.

entrecruzam: o legado familiar de oposição política e a construção de uma imagem democrática.

A apropriação de uma memória familiar contribuiu para a composição de uma coerência argumentativa que Lacerda conseguiu manter em suas evocações, a despeito de todas as mudanças políticas e inconstâncias em sua posição durante o passar dos anos. Lacerda tenta passar ao leitor uma imagem de homem devoto a nação, herdeiro de uma causa social pela qual seu pai uma vez lutara, um ideal pelo qual foi coerente em todos os momentos de sua vida pública. Com isso, Lacerda acaba por tornar-se, através de sua narrativa, o mais indicado a conduzir a nação em meio à revolução que passara a vida a tentar realizar. Assim como na concepção de seu pai a Revolução de 30 acabou por descarrilar, Lacerda defende que a “revolução” de 1964 desvirtuou-se com Castello por manter os setores oligárquicos no poder. – “[O Brasil] fez uma revolução, mas tem receio de dizer que a fez e a entrega à guarda dos que nem a fizeram, nem a entenderam.”⁴ Através de sua obra **Rosas e Pedras de meu Caminho** nosso autor mostra-se a disposição para ajudar os militares a retornar ao rumo da democracia, além de apresentar-se como o mais apto para tal.

Essa concepção de vocação política que nosso autor constrói ao entrelaçar suas memórias com a de seus familiares é central em sua narrativa, pois consiste em uma importante contribuição para a realização de seu projeto para o futuro: alcançar o cargo da Presidência através do apoio e crescimento da Frente Ampla ou pelas mãos dos militares, com Costa e Silva a apoiá-lo.

Além disso, para demonstrar ao leitor o seu preparo para o cargo que se propôs a conquistar, Lacerda concilia a imagem do homem de oposição, que “fala quando todos se calam”, disposto a dizer o que “muitos preferem não ouvir”, à imagem de construtor, capaz de evidenciar e extirpar os erros do governo, no intuito de substituí-los por uma política voltada à reforma do país. Sua experiência como governador da Guanabara tornou-se recorrente em suas lembranças, pois fora tomada como modelo para o desenvolvimento do Brasil além de exemplo quanto à sua preparação político-administrativa para a função de presidente.

⁴ Ibid. p 300

Noutra oportunidade quem sabe poderei prestar meu testemunho sobre esta última fase da vida nacional? Deixo em branco toda uma experiência inesquecível – a de cinco anos do meu governo no Estado da Guanabara. Quanto mais alguns tentam negar a validade dessa intensa e variada fase, acima de tudo, de experiência humana, mais a afirmam na vã tentativa de empregar antigos colaboradores meus para lhes dar os postos de responsabilidade. Falta-lhes, porém (...) unidade de direção (...).⁵

No entanto, nosso autor sabia que para conquistar o apoio das massas e se tornar presidente em 1971, a palavra democracia deveria estar fortemente aliada a seu discurso e à construção de sua identidade narrativa.

Apesar de possuir um caráter autoritário, a Constituição de março de 1967 apresentou certas contradições:

Uma parte do texto visava o controle: assegurar a aplicação das medidas exigidas pela Doutrina de Segurança Interna para destruir o “inimigo interno”. Outra parte, que a oposição lograra impor sob a forma de Carta de Direitos, refletia o objetivo de restaurar a democracia.⁶

Tais elementos democráticos presentes na Constituição deram à oposição certa margem de manobra, pois, apoiando-se nela, tornou-se possível exigir maior participação popular nas decisões governamentais, as quais foram negadas devido às restrições existentes em outros trechos da própria Constituição. Este clima de liberalização que se seguiu à promulgação da Constituição, em março de 1967, alavancou protestos e manifestações da oposição em defesa da democratização do país. Lacerda, portanto, não poderia neste momento afastar-se desta “onda democrática” que tomara conta dos discursos políticos de 1967. Mas como conciliar a imagem do democrata à sua anterior fama de “demolidor de presidentes”⁷?

Através de uma analogia entre o Estado Novo de 1937 e o governo militar de 1964, Lacerda intenta apresentar-se como um homem democrático, o qual, devido à sua coerência ideológica, acaba por tornar-se opositor de Castello e de seu “Estado Novíssimo”, ao perceber tais semelhanças “(...) em 1965, quando o Presidente Castello Branco, no governo, começava a sua obra de traição (...).”⁸ Na obra de Lacerda,

⁵ Ibid. p. 294.

⁶ ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil. (1964-1984)**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1989. P. 111.

⁷ Sua fama de demolidor de presidentes iniciara com sua fracassada tentativa de impedir a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart à presidência em 1955 e se fortalecera em 1961 após a renúncia de Janio Quadros e a organização de uma resistência militar à posse de João Goulart.

⁸ Ibid. p. 179.

portanto, podemos perceber como a desvalorização da imagem do outro implica na construção da sua *persona*, por oposição: sou tudo o que ele não é. Ou seja, suas qualidades são exacerbadas através da desqualificação dos que o ameaçam e um exemplo dessa ameaça presente em sua narrativa consiste na representação elaborada em seus depoimentos referente à figura de Getúlio Vargas.

Mas Getúlio não é o único personagem político que nosso autor utiliza em suas evocações, no intuito de construir, por oposição assimétrica, sua identidade narrativa. Castello Branco também sofrera inúmeras críticas que o aproximaram das tendências antidemocráticas com as quais Vargas fora identificado na narrativa lacerdista.

Lacerda tentara estabelecer uma radical oposição entre seus ideais democráticos, representados pelos anos em que foi governador da Guanabara (1960-65), e os ideais de Vargas, do comunismo e de Castello Branco – através de uma lembrança que os representava como avessos à liberdade e aos reais interesses do povo brasileiro. Ele produz uma figura negativa elástica o bastante para abarcar todos os seus opositores; uma elasticidade proporcional ao conceito de democracia que pretendia representar. Em uma época de ditadura, como a década de 60 no Brasil, determinar politicamente o conceito seria diminuir o grande guarda-chuva denominado oposição.

A obra de Lacerda aparece como uma oportunidade de demonstrar ao público leitor suas qualidades como homem democrático, devoto ao bem público, atributos que o tornariam a melhor escolha para liderar o país em 1971. Suas evocações tornam-se o caminho para viabilizar seu projeto de ação política através de uma construção retórica na qual nosso autor molda suas memórias à identidade narrativa que almeja apresentar: o passado, portanto, torna-se atual através da linguagem. A memória é ativada pelo indivíduo com o intuito de adequá-la às suas expectativas e planos para o futuro. Seja pela oposição aos antigos adversários políticos, ou pela construção de uma imagem democrática e altruísta através de lembranças de suas ações durante o governo da Guanabara, nosso autor busca nos passar com sua narrativa remissiva a idéia de um

líder nato, cuja história de vida confunde-se com a história do país devido ao seu “pendor para servir a coletividade e não o indivíduo”.⁹

Seus escritos memorialísticos, portanto, procuravam dar sentido à sua vida política e reafirmar sua imagem cada vez mais abafada pelo poder ditatorial, desejo em silenciar suas críticas e afastá-lo dos centros decisórios de poder, o que foi plenamente concretizado com sua cassação política um ano mais tarde¹⁰. Diante do agravamento da situação política, devido ao aumento das manifestações de oposição, o presidente Costa e Silva decretou, em 13 de dezembro de 1968, o Ato Institucional nº 5, conhecido como AI-5. Lacerda foi preso no dia seguinte ao decreto e conduzido ao Regimento Marechal Caetano de Farias, da Polícia Militar do Estado da Guanabara. Ele foi libertado uma semana após sua detenção devido à greve de fome que fizera como forma de protesto. Apesar da conquista de sua liberdade, Lacerda sofrera um grande golpe em sua carreira política ao ter seus direitos políticos suspensos por dez anos, no dia 30 de dezembro do mesmo ano.

No entanto o projeto político de tornar-se Presidente da República é retomado por nosso autor em 1976, ao ser convidado à dar seus depoimentos quanto ao período ditatorial no qual o Brasil encontrava-se. Melchiades Cunha Júnior, redator do **Jornal da Tarde**, propunha a listagem dos principais personagens da vida política brasileira durante as últimas quatro décadas para ouvir seus depoimentos, os quais não seriam divulgados enquanto tais personalidades estivessem vivas. O primeiro a encabeçar a lista era Carlos Lacerda.

De acordo com Marly Motta estes depoimentos de Lacerda, gravados no mês de março e abril de 1977 e publicados em 1978, devem ser entendidos como um balanço de sua vida política, além de uma preparação para o seu retorno, já que em 1979 a cassação de seus direitos políticos chegaria ao fim. “**Depoimento** seria a versão de Lacerda, a sua interpretação – parcial e comprometida – de uma época de nossa história.”¹¹ Ao invés de um testemunho que visa a conclusão de sua carreira política, suas memórias, pelo contrário, podem ser compreendidas como uma aposta para o

⁹ LACERDA, Carlos. Op.cit. p. 188.

¹⁰ Carlos Lacerda vinha sendo cerceado desde meados de 1967 e em 9 de outubro deste mesmo ano foi proibido pelo Conselho de segurança Nacional de discursar na televisão ou no rádio.

¹¹ Ibid. p.113.

futuro: a tentativa de recuperar o espaço político perdido mediante seu afastamento em 68.

Acho que tenho obrigação de dizer isso um pouco, para ver se calha de algumas pessoas verem e dizerem: “Não, olha aqui. Ele está dizendo que não traiu, nem abandonou não. É que ele foi proibido de fazer”.¹²

Assim como em sua narrativa de 1967, o autor torna claro em seus depoimentos o desejo de reinserir-se no cenário político brasileiro. Contudo, Lacerda não contava com novo golpe, agora certo, em seu projeto político: falecera em 1977 aos 63 anos de idade.

Apesar de não ter alcançado a tão desejada presidência da república e de sua fama de “demolidor de presidentes” ter prevalecido, em detrimento da figura democrática que pretendia construir em suas memórias, seu mandato como governador da Guanabara entre 1960 e 1965 ainda é tomado como exemplo no panorama político carioca, nos dias de hoje. Um exemplo desta permanência na memória coletiva fluminense consiste à referência de alguns projetos, por ele desenvolvidos, por políticos em campanhas eleitorais, como realizações fundamentais ao melhoramento da cidade. Este é o caso de César Maia, atual prefeito da cidade do Rio de Janeiro, durante a campanha de 1992, como afirma Marly Motta:

Esses novos ventos trouxeram de volta ao palco da política carioca um ator que dele andava afastado havia tempo: Carlos Lacerda. (...) Foi tomando explicitamente o governo de Carlos Lacerda no estado da Guanabara como exemplo de “competência” a ser seguido que César Maia se elegeu prefeito da cidade, derrotando a petista, Benedita da Silva.¹³

Carlos Lacerda é um personagem carioca, cujo passado ainda se mantém presente nas lembranças da história política da cidade do Rio, mesmo que as evocações à sua imagem não constituam unanimidade. As muitas faces que lhe são imputadas atualmente e que lhe foram atribuídas com o passar de sua trajetória apenas nos fazem retomar a premissa de François Hartog quanto à narração de ações do passado. - “A lembrança é ativa, ela não é o surgimento involuntário do passado no

¹² LACERDA. Pg 408.

¹³ MOTTA, Marly Silva da. **Entre o individual e o coletivo**: carisma, memória e cultura política. Rio de Janeiro, CPDOC, 2001. P. 8.

presente; ao buscar um momento do passado ela tende a transformá-lo.”¹⁴ Evocar não é apenas receber uma imagem passada; implica uma ação, uma “memória exercitada”, que busca atualizar o passado, sincronizá-lo com os objetivos e projetos que possuímos no momento da rememoração. Com isso, concluímos nosso trabalho com a retomada do título que o iniciara: as memórias de Carlos Lacerda consistem, portanto, em evocações de um passado presente.

¹⁴ HARTOG, François. **Regimes d’historicité**. Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 1997. p.143.